

CULTURA HIP HOP NA ESCOLA: ARTE, CULTURA, ALTERIDADE E EDUCAÇÃO NO CEFET-MG I

Lorena Sousa Santos²

Cléver de Oliveira Júnior³

Huener Silva Gonçalves⁴

RESUMO:

O texto tem como objetivo analisar a inserção da cultura Hip Hop no ambiente escolar, com foco no CEFET-MG, destacando seu potencial como instrumento de inclusão social, valorização da diversidade étnico-racial e de gênero e promoção do protagonismo juvenil. Parte-se da compreensão do Hip Hop como manifestação cultural originada em contextos periféricos e historicamente vinculada a jovens negros e marginalizados, que, ao adentrar o espaço escolar, amplia possibilidades educativas, culturais e identitárias. A metodologia adotada é de natureza quantitativa, baseada na coleta e análise de dados provenientes das fichas de inscrição de três oficinas realizadas em 2025: MC, Breaking e DJ. As informações referentes a raça/etnia e gênero dos participantes foram organizadas em gráficos e tabelas, permitindo a construção de um perfil dos inscritos. O estudo também se apoia em referenciais teóricos e pesquisas recentes sobre Hip Hop, educação e diversidade. Os resultados evidenciam a predominância de participantes pardos e pretos, que somam cerca de 59% do total, reafirmando a conexão da cultura Hip Hop com populações periféricas. Observa-se também uma participação expressiva de mulheres, superior à masculina no conjunto das oficinas, indicando mudanças em um cenário tradicionalmente masculino. As atividades se mostraram espaços plurais e inclusivos, favorecendo o desenvolvimento artístico, a expressão cultural e o fortalecimento identitário. Contudo, o número significativo de não declarantes e a menor presença feminina em práticas

¹ Artigo resultado de pesquisa apoiada pelo Programa Bolsa de Complementação Educacional (BCE) do CEFET-MG, e desenvolvida no âmbito do grupo de arte e cultura “Cultura Hip Hop no CEFET-MG” e do GEPTT – Grupo de Estudos e Pesquisas em Trabalho e Tecnologias.

² Discente do curso Técnico de Ensino Médio de Meio Ambiente do CEFET-MG.

³ Analista de Tecnologia da Informação e Especialista em Gestão de Segurança da Tecnologia do CEFET-MG, Coordenador do grupo de arte e cultura “Cultura Hip Hop no CEFET-MG” e DJ.

⁴ Professor Doutor do Departamento de Ciências Sociais do CEFET-MG.

efetivas indicam desafios a serem superados, especialmente no aprimoramento das estratégias de inclusão e protagonismo.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Hip Hop; CEFET-MG; Diversidade étnico-racial e de gênero

ABSTRACT: This paper aims to analyze the integration of Hip Hop culture into the school environment, with a focus on CEFET-MG, highlighting its potential as a tool for social inclusion, the celebration of ethnic, racial, and gender diversity, and the promotion of youth leadership. The analysis begins with an understanding of Hip Hop as a cultural manifestation originating in peripheral contexts and historically linked to Black and marginalized youth, which, upon entering the school environment, expands educational, cultural, and identity-related possibilities. The methodology adopted is quantitative in nature, based on the collection and analysis of data from registration forms for three workshops held in 2025: MC, Breaking, and DJ. Information regarding the participants' race/ethnicity and gender was organized into graphs and tables, allowing for the construction of a profile of those enrolled. The study also draws on theoretical frameworks and recent research on Hip Hop, education, and diversity. The results highlight the predominance of mixed-race and Black participants, who account for approximately 59% of the total, reaffirming the connection between Hip Hop culture and marginalized communities. There was also a significant participation of women, outnumbering men across all workshops, indicating shifts in a traditionally male-dominated landscape. The activities proved to be pluralistic and inclusive spaces, fostering artistic development, cultural expression, and the strengthening of identity. However, the significant number of non-respondents and the lower representation of women in active roles point to challenges that need to be addressed, particularly in improving strategies for inclusion and leadership.

KEYWORDS: Hip Hop Culture; CEFET-MG; Ethnic-Racial and Gender Diversity.

INTRODUÇÃO

A educação desempenha importante papel cultural na comunidade, fortalecendo o espírito de grupo. Na escola, culturas, como a do Hip Hop, podem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem favorecendo a inclusão, reconhecimento étnico-racial, social e protagonismo da juventude, especialmente em uma instituição que promove a formação tecnológica. Nascida em bairros periféricos dos Estados Unidos nos anos de 1970 e difundida em grandes cidades, a cultura Hip Hop dialoga com os usos e ocupações do espaço urbano, pelo prisma da experiência das juventudes, es-

pecialmente negras, latinas e periféricas (Pimentel, 1995). Reunindo expressões artísticas que mobilizam esses grupos, identificadas por 4 elementos (ou pilares), o “DJ”, o “Breaking” (dança), o “MC” e o “Graffiti” (arte visual). Um quinto elemento pode ser acrescido, o “conhecimento”, importante na configuração da linguagem, da expressão corporal e de demais características que definem essa cultura urbano periférica (Teperman, 2015). No tocante à proliferação popular dessa cultura no Brasil, Juarez Tarcisio Dayrell (2001) data que a teria ocorrido a partir dos bailes Black suburbanos, em especial do Rio de Janeiro e de São Paulo, nos finais de semana ainda nos anos 1970. Nesses locais de diversão e sociabilidade, a juventude periférica era contemplada com a black music estadunidense, sobretudo, o soul e o funk. Em Belo Horizonte, o advento dessa cultura se deu no início da década seguinte, com a “proliferação de pequenos salões de dança nos mais diversos bairros da periferia, a maioria deles em quadras cobertas ou em escolas públicas, que nos finais de semana transformavam-se no que se tornou conhecido como som” (Dayrell, 2001, p. 42). Pelo levantado por Dayrell (2001), a abertura da escola à promoção de atividades que contemplassem a cultura Hip Hop em seu cotidiano se deu, decisivamente, a partir da década de 1990. Tal processo contribuiu para a emergência de grupos de MCs e equipes de equipes de Breaking, demarcando o espaço escolar – para além de produção e reprodução do conhecimento – como local de sociabilidades socioculturais (Dayrell, 1996). Em suma, considerado o protagonismo juvenil, a escola e seus entornos se tornaram gradativamente uma das zonas de expressão dos pilares da cultura Hip Hop – territorialidades das relações e significados sociais dessa camada da população –, em especial, na periferia.

No Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), o Hip Hop está presente na tradição das batalhas de MC realizada por grupos de alunos e na recente inserção de seus pilares em eventos como a *Mostra de Cursos e a Semana C&T* nos dois campus de Belo Horizonte. Tal cenário redundou na criação do grupo de arte e cultura “Cultura Hip Hop no CEFET-MG”. A formação desse coletivo decorreu de uma iniciativa independente de estudantes da EPTNM (Educação Profissional Técnica de Nível Médio) que organizam batalhas de rima nos intervalos escolares e em eventos. A partir desse movimento cultural surgiu a proposta de um grupo que pudesse disseminar e preservar a cultura Hip Hop como um todo, valorizando a determinação desses jovens. Alguns deles agregam experiências individuais na produção musical e de vivências em suas comunidades. O processo de acolhimento institucional dessa cultura, seja na presença dos eventos ou em oficinas, têm resultado em um movimento que alia arte e educação. Ao se fortalecer a sua inserção no universo da formação acadêmica, reconhece-se o valor artístico e social desse movimento. Embora

historicamente discriminado, esse representa um potente catalisador da afirmação de identidade racial, comunitária, geracional e de pertencimento social. Além disso, fomenta a aprendizagem em áreas como a literatura, a escrita, as artes plásticas, a música e a dança.

Estudos de caráter etnográfico relativos à cultura Hip Hop no Brasil, destacando a atuação das juventudes periféricas em variados ambientes urbanos, principalmente, escolar, apresentaram crescimento destacado após o advento da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Esta norma estabeleceu a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, demanda histórica de movimentos sociais negros no país. Uma das pesquisas de relevo sobre a temática é *“Raio x do Brasil”: análises do mapeamento da cultura hip-hop nacional e sua potência educadora*, de Ellen Gonzaga Lima Souza, Maurício de Sena Monteiro e Priscilla Marques Campos, desenvolvida na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), de 2025. Para a construção da análise, o estudo levantou dados relativos à faixa etária, identidade de gênero, orientação sexual, expressão cultural do Hip Hop, identidade étnica de inscrições do “Edital Prêmio Cultura Viva Construção Nacional do Hip-Hop” e dados do Censo da Educação Escolar de 2023, disponíveis no site do INEP, para traçar o raio x dos praticantes do Hip Hop no país (Souza; Monteiro; Campos, 2025).

Considerados esses breves subsídios teóricos-metodológicos, nas páginas que se seguem serão destacados aspectos relacionados à diversidade e inclusão social – diversidade etno-racial e gênero – coletados em fichas de inscrições das oficinas de MC, *Breaking* e DJ realizadas no campus Nova Suíça, do CEFET-MG, no decorrer de 2025, abrangendo um público dominado pela faixa de idade entre 15 e 18 anos de idade. Para isso, adotou-se a metodologia quantitativa na formulação de instrumentos de produção e agregação de dados, resultando na confecção de gráficos e tabelas sobre as citadas características.

UM PERFIL DOS PARTICIPANTES DA OFICINA DE MCS

Realizada ao longo de julho de 2025, semanalmente, o curso enfatizou os fundamentos da atuação como MC, desenvolvendo habilidades de rimar, improvisação e criar letras com técnicas de apresentação e performance. Ao longo do curso, os 29 participantes foram introduzidos a conteúdos fundamentais como história do Hip Hop, flow e métrica, técnicas de improvisação, além de práticas de freestyle e figuras de linguagem e argumentação, trabalhados poricineiros MCs da cena de

Belo Horizonte. Para isso, estes se pautaram por uma abordagem prática e interativa para iniciantes. Em seu encerramento, em 24 de julho, realizou-se uma roda de freestyle livre, na qual os participantes puderam aplicar os conceitos aprendidos em um ambiente colaborativo. Quando avaliadas as inscrições, obteve-se o seguinte quadro étnico-racial dos participantes:

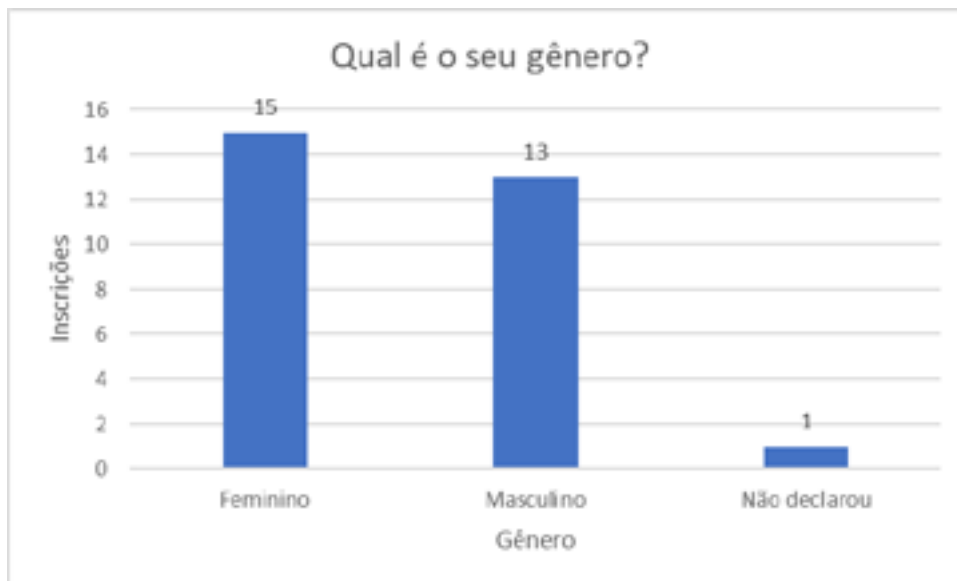
GRÁFICO 1. DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA OFICINA DE MCS



Fonte: dos autores.

Do gráfico 1, extrai-se que 6 inscritos se autodeclararam brancos, outros 13 como pardos e outros 10 como pretos, indicando um perfil étnico-racial diverso. Por outro lado, cerca de 79% (pardos e pretos) são de grupos que tradicionalmente praticam a modalidade nas periferias urbanas. Ainda que em menor número, a presença de participantes brancos sinaliza a ampliação da cultura para além dos grupos etnicamente identificados com ela. Em síntese, os dados indicam que a oficina cumpriu um papel relevante na promoção da diversidade e no fortalecimento de expressões culturais ligadas à juventude negra, ao mesmo tempo em que se apresenta como um espaço aberto à participação plural. No tocante à dimensão gênero, verificou-se a seguinte conformação:

GRÁFICO 2. DIVERSIDADE DE GÊNERO NA OFICINA DE MCS



Fonte: dos autores

Segundo o expressado no gráfico 2, cerca de 15 inscrições foram de pessoas que se identificaram como do gênero feminino, outras 13 como masculino e um participante preferiu não declarar. É relevante a participação feminina em uma cultura predominantemente masculina, ainda mais no pilar MC, explicitado, por exemplo, pelas batalhas de rimas. Esse aspecto sugere uma abertura crescente do espaço para a participação de mulheres, sinalizando que a oficina contribuiu para tensionar desigualdades de gênero e incentivar o protagonismo feminino na cultura Hip Hop. Destarte, a distribuição equilibrada de gêneros e a presença de um inscrito que preferiu não se declarar, sinaliza a importância da necessidade de práticas pedagógicas sensíveis à diversidade e à inclusão.

De maneira geral, os dados étnico-racial raça e de gênero indicam que a oficina se configura como um espaço plural, com forte participação de pessoas negras (pretas e pardas) e presença expressiva de mulheres. A composição sugere que a atividade não apenas dialoga com públicos historicamente vinculados ao elemento cultural, mas também contribui para ampliar vozes e promover maior equidade na ocupação desses espaços culturais.

UM PERFIL DOS PARTICIPANTES DA OFICINA DE BREAKING

De igual número de inscritos da oficina precedente, a formação foi conduzida, também semanalmente, peloicineiro B-Boy Javan entre 4 de julho e 1º de agosto. Aberta à comunidade, incluindo aulas teóricas e práticas em sala de aula e quadra coberta, objetivou-se ensinar os fundamentos básicos do *Breaking*, promovendo a autonomia dos participantes para praticar como *B-Boys* e *B-Girls*. Para isso, a programação foi organizada em seis encontros, abordando progressivamente a história do *Breaking*, *Top Rock*, *Footwork*, combinação de *Top Rock* e *Footwork* e *Baby Freeze*. Com uma atmosfera divertida e dinâmica, cada lição possibilitou aos iniciantes construir suas próprias sequências e movimentos. O encerramento se deu em 9 de setembro com a realização de uma *Cypher* aberta ao público no hall do aludido campus, evento que integrou a programação da Mostra de Cursos + 115 anos do CEFET-MG. Durante a apresentação, capitaneada peloicineiro, com as mixagens em vinil dos *DJs* do coletivo Junto e Mixado, *Clever DJ* e *DJ Guimyts*, os participantes puderam demonstrar o aprendizado ao longo da formação dentro de uma roda de dança. Então, promoveu-se a integração entre os pilares *Breaking* e *DJ da cultura Hip Hop*. Quando apurado o aspecto étnico-racial declarado pelos inscritos, chegou-se aos seguintes números:

GRÁFICO 3. DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA OFICINA DE BREAKING



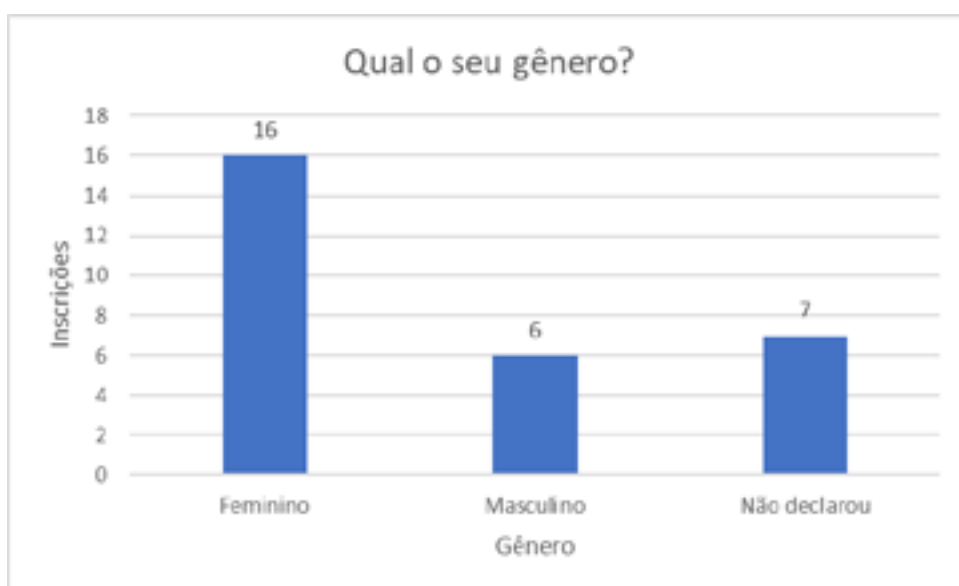
Fonte: dos autores

O gráfico 3 expõe que, no universo de inscritos, 9 se autodeclararam brancos, 10 pardos, 2 pretos, um amarelo e 7 participantes preferiram não declarar. Tais números indiciam uma distribui-

ção étnico-racial marcada por maior heterogeneidade e por um número expressivo de não declaração. Todavia, alguns detalhes requerem certo aprofundamento.

É pertinente o baixo número de inscritos que se declararam pretos em uma modalidade historicamente dominada por esse grupo. Porém, quando esses se somam ao de pardos – grupo de maior presença –, temos a maioria de inscritos de extratos populacionais mais periféricos. O registro de considerável número de brancos – o segundo maior estrato entre os inscritos –, e de um amarelo, sinaliza uma maior disseminação da prática para além dos grupos de origem. Outrossim, o contingente significativo de anônimos (cerca de 24% do total), insinua como fatores para tal a dificuldade de autoidentificação, desconhecimento sobre as categorias ou até mesmo resistência em responder a esse tipo de questão. Ainda que tal aspecto possa impactar na delimitação dos estratos do público atendido, é importante realçar que isso não impede de sinalizar um perfil mais plural dessa oficina. Em outro prisma, quando se observa o aspecto gênero, tal número de abstenções se repete no gráfico 4:

GRÁFICO 4. DIVERSIDADE DE GÊNERO NA OFICINA DE BREAKING



Fonte: dos autores

Salta aos olhos a ampla presença feminina entre os inscritos que declararam, 16 no total. Apenas 6 se identificaram como masculino. Como na oficina de MC, verificou-se cenário semelhante em um pilar da cultura Hip Hop associado historicamente à presença masculina, o que pode sugerir uma mudança no protagonismo deste e do outro pilar anterior. Quanto ao número de não declarantes, o dado pode sugerir desde alguma falha técnica no preenchimento do formulário até

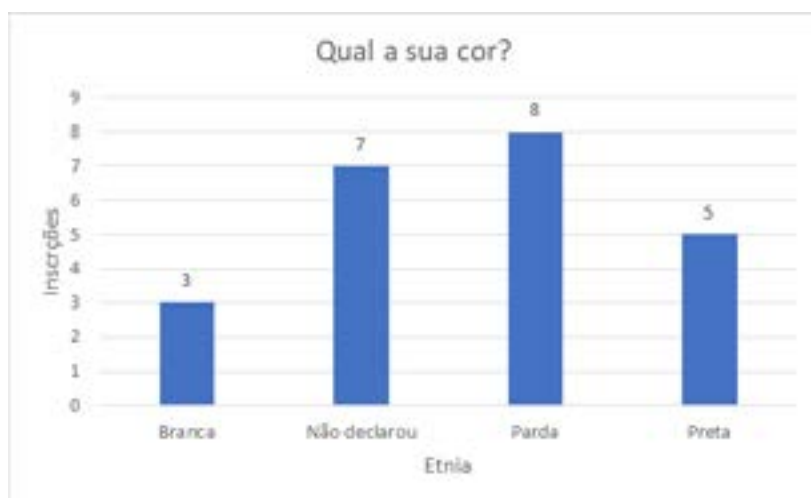
uma maior presença de identidades que não se enquadram nas categorias binárias, reforçando a importância de abordagens mais inclusivas e sensíveis à diversidade de gênero.

UM PERFIL DOS PARTICIPANTES DA OFICINA DE DJ

Última oficina realizada pelo grupo de arte e cultura em 2025, a formação contou com 23 inscrições e transcorreu semanalmente entre 9 de outubro e 6 de novembro. Ministrada pela dupla do coletivo Junto e Mixado, da Rádio Educativa da UFMG, Cléver Dj e Dj Guimyts, os encontros tiveram como linha mestre conteúdos introdutórios como a compreensão de batida e tempo (BPM), a sincronização de batidas, a organização de repertório musical e o funcionamento dos principais equipamentos utilizados por DJs. Sobre esses atores, discutiu-se o porquê de serem considerados um dos pilares constitutivos da cultura Hip Hop.

Ao longo da prática, os presentes tiveram a oportunidade de conhecer e performar a tradicional mixagem com vinil em toca-discos, como também de mesa controladora, equipamento de tecnologia mais usual no tempo atual. Guardadas as características de cada dispositivo, foram realizadas transições entre músicas, explorando o controle do som e do ritmo, além da experimentação de técnicas iniciais de *scratch*, loops e outros efeitos técnicos. Além de possibilitar a identificação de participantes com interesse e potencial na área, a atividade ampliou o contato com a música e com a cultura DJ e Hip Hop no ambiente escolar. Então, quando observado o perfil étnico-racial dos inscritos, apurou-se os seguintes números:

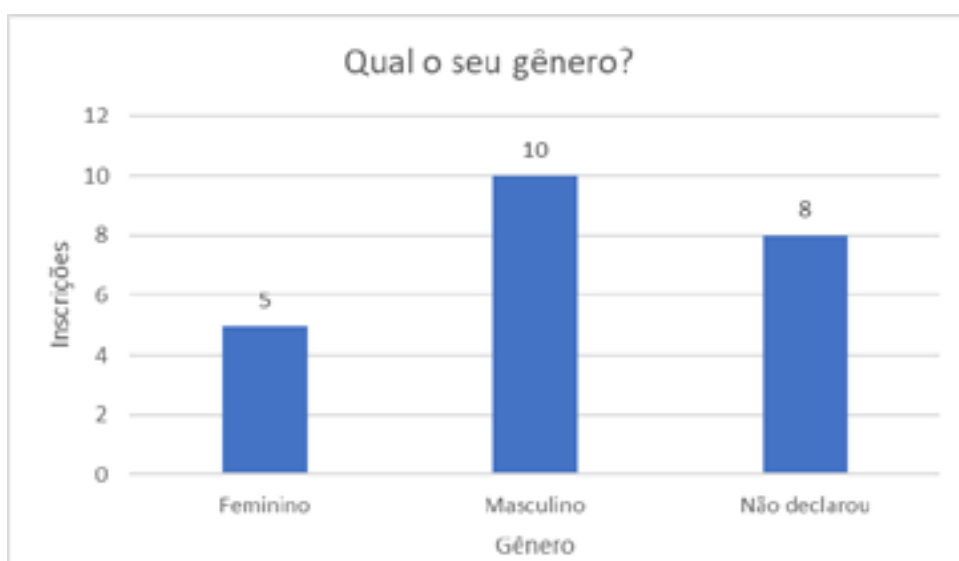
GRÁFICO 5. DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA OFICINA DE DJ



Fonte: dos autores

Pelo apresentado no gráfico 5, destaca-se a presença de pessoas que se declararam pardos (8 inscritos), seguido por aqueles que se autodeclararam pretos (5 inscritos) – 57% dos inscritos –, e apenas 3 declarantes brancos, sugerindo, como na oficina de MC, uma aproximação maior com o perfil étnico-racial historicamente ligados às culturas urbanas e à música negra. Como na oficina anterior, é notável o número de não declarantes (também de 7 inscritos), podendo, como na oficina de *Breaking* está ligado a fatores como ausência de identificação com as categorias propostas, dúvidas no momento do preenchimento ou até limitações no instrumento de coleta de dados. Em relação ao quesito gênero, como pode ser notado pelo gráfico 6, a formação apresentou um perfil diferente:

GRÁFICO 6. DIVERSIDADE DE GÊNERO NA OFICINA DE DJ



Fonte: dos autores

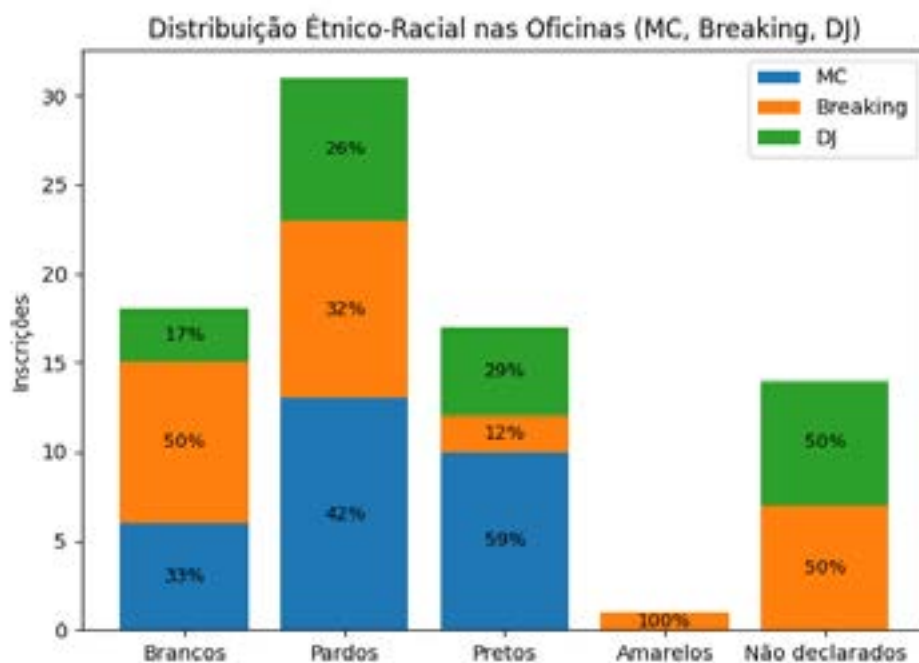
Do total das inscrições, 10 se declararam do gênero masculino, maioria do público da oficina. Destoando das duas formações examinadas anteriormente, apenas 5 se declararam do gênero feminino e outros 8 preferiram não informar. Assim, como na dimensão étnica-racial, os números seguem a tendência da trajetória histórica da prática de DJ, tradicionalmente marcada por maior visibilidade de homens. Entretanto, a presença feminina indica que o pilar também está sintonizado com a tendência de inclusão e diversificação nesse campo. Quanto aos não declarantes, acredita-se que as causas sejam as mesmas levantadas para o pilar precedente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere à totalidade dos dados relativos à diversidade étnico-racial das três oficinas, apurou-se que 31 participantes se declararam pardos – maioria dos inscritos –, outros 18 como brancos, outros 17 como pretos e um se assumiu amarelo. Outras 14 inscrições não declararam a sua etnia. De forma geral, observa-se a predominância dos pardos, que constituem o maior grupo nas três oficinas somadas, seguidas pelos participantes pretos e brancos. Quando agrupados, pardos e pretos totalizam 48 participantes (cerca de 59%), indicando que a maioria dos inscritos pertence a grupos racializados. Esse dado reforça a conexão das atividades com públicos historicamente vinculados às culturas urbanas e ao Hip Hop. O gráfico 7 apresenta a totalização da distribuição percentual étnico-racial nas oficinas:

GRÁFICO 7. DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL GERAL DAS OFICINAS

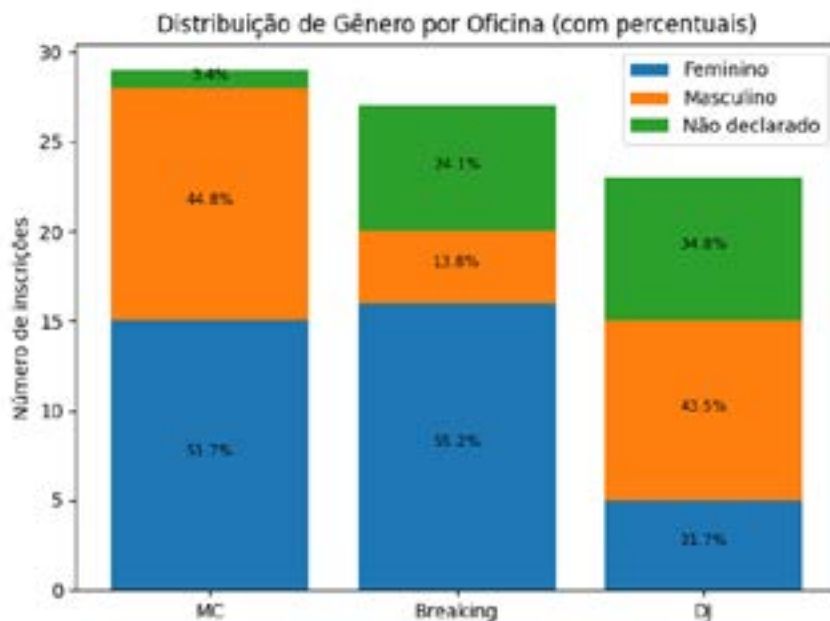
Fonte: dos autores



Ao observar a divisão percentual interna das barras, apura-se que as oficinas de MC e DJ concentram maior participação entre pretos e pardos no total de inscrições, sugerindo maior identificação desses grupos com essa vertente da cultura Hip Hop. A oficina de Breaking apresenta uma distribuição mais diversificada entre os grupos tradicionais da cultura Hip Hop – pardos e pretos –, brancos e amarelos, funcionando como um ponto de maior diversidade relativa. Ainda no tocante a essa e a de DJ, destaca-se o igual percentual dos não declarados. Em conjunto, os dados sugerem

que, embora haja diversidade, existem padrões claros de preferência por oficina associados à composição étnico-racial – perfil majoritariamente composto por pessoas pardas e pretas, reafirmando o vínculo com as culturas periféricas e negras –, o que pode orientar estratégias futuras de inclusão e engajamento.

GRÁFICO 8. DIVERSIDADE DE GÊNERO GERAL DAS OFICINAS



Fonte: dos autores

Dos 81 inscritos nas três formações, verificou-se que 34 se identificaram como do gênero feminino, outros 27 como do masculino e 20 não declararam. O percentual de participação de 42%, do gênero feminino, em relação a cerca de 33%, do masculino, indica, portanto, a predominância feminina no total das oficinas. Como no critério étnico-racial, o percentual de anônimos também é significativo, alcançando cerca de 25% do total. Tal tendência é fundamentada nos dados das oficinas de MC e Breaking, indicando uma mudança no perfil dos interessados que, tradicionalmente, está associado ao gênero masculino nesses pilares. Esta hipótese é sustentada quando comparada com dados de fins da década de 1990, quando Dayrell (2001), observou que a dominância masculina em grupos musicais compostos por jovens na capital mineira, com poucas duplas de MCs femininas de funk. As mulheres são lembradas naquele ambiente como um dos alvos de conquistas das letras ou rimas dos rappers e funkeiros e, em várias situações, qualificadas como objetos, dando contornos

machistas para a manifestação cultural. A mudança geracional no trato ao feminino também é visível quando considerados os números aferidos por Souza, Monteiro e Campos (2025) para a identidade de gênero, para pessoas e grupos inscritos para o “Edital Prêmio Cultura Viva Construção Nacional do Hip-Hop” em 2023 – dominado por pessoas com 25 a 39 anos (56,4%), seguido pela faixa de 40 a 59 anos (34,2%), 18 a 29 anos (8,2%) e maiores de 60 anos (1,1%). Os dados aferidos pelos pesquisadores sinalizam a permanência do domínio masculino (homens cis 71,9%, mulheres cis 24,5%, pessoa não binária 2,3% e homens e mulheres trans 1%), nas inscrições (Souza; Monteiro; Campos, 2025). O crescimento de conteúdos e trabalhos acadêmicos recentes testemunham essa transição do lugar e representação social e cultural do feminino na cena Hip Hop, marcada pela masculinidade, de passiva, espectadora, submissa, de minoria no palco, para ativa, assumindo protagonismo no palco (Kelly, 2026). Contudo, as imagens de eventos dos pilares no CEFET-MG sinalizam que a participação feminina ainda não corresponde à realidade apresentada nas inscrições das duas oficinas (na oficina de Dj ainda prevalece o perfil masculino), indicando um caminho a ser percorrido: converter a participação nas oficinas em efetividade nas batalhas de rimas, *breaking*, onde ainda se observa o papel de auditório, expectador. Isso também se aplica ao elemento DJ, cujo domínio histórico masculino prevalece. Em suma, levar de espectador de auditório para de protagonista no palco do Hip Hop. E, pelo visto, a escola tem muito a contribuir para essa virada.

Finalizando, não menos importante, o volume expressivo de não declarantes sugere o aperfeiçoamento dos instrumentos de coletas, possibilitando a presença de identidades que não se enquadram nas categorias binárias, reforçando a importância de abordagens mais inclusivas. Reforça-se a importância de estratégias que incentivem e esclareçam o processo de autodeclaração.

REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez Tarcísio. **A escola como espaço sócio-cultural**. In: _____ (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996, p.136-161.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 05 abr. 2026.

GIOVANA, Alice. A ascensão das minas na cena – Feminilidade, negritude e empoderamento dominam o rap nacional. **Centro de Crítica da Mídia**, Belo Horizonte, PUC Minas, 06 nov. 2025. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/ccm/a-ascensao-das-minas-na-cena-feminilidade-negritude-e-empoderamento-dominam-o-rap-nacional/>. Acesso em 20 mar. 2026.

KELLY, Sarah. A nova geração de mulheres no rap. **Revista Gama**, UOL, São Paulo, 04 fev. 2026. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/entre-no-assunto/a-nova-geracao-de-mulheres-no-rap/>. Acesso em: 20 mar. 2026.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O livro vermelho do hip-hop**. São Paulo, Autonomia Literária & GLAC edições, 2025 [1995].

SOUZA, Ellen Gonzaga Lima; Monteiro, Maurício de Sena; Campos, Priscilla Marques. “Raio X do Brasil”: Análises do Mapeamento da Cultura Hip-hop Nacional e sua Potência Educadora. **Revista Hydra**: Revista Discente de História da UNIFESP, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 16–42, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/19636>. Acesso em: 04 jan. 2026.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**. As transformações do rap no Brasil. São Paulo, Claro Enigma, 2015.